

XXXIV

O JOSÉ MARIA SALOIO



verdadeiro symbolo da força physica.

Um Hercules pratico, positivo, sem fanhas postiças, sem lendas fabulosas.

Elle era o que ali estava. Não no sentido bonacheirão da phrase, que deixa subentender um pacovio, um papa-açorda; mas na accepção rigorosa da palavra, que quer dizer homem que não sabe, que não quer enganar ninguem.

Elle era a taboleta de si proprio. O annuncio ambulante, que de si dizia aos incautos, «aqui vou eu, que posso, se quizer, deitar uma porta dentro com um murro, arcar com uma patrulha da municipal, pôr em debandada meia duzia de policias civis, varrer uma feira a pau, com o desassombro de quem tira a limpo uma pendencia de pouco mais ou menos.

Conheci o José Maria Saloio em pleno vigor da minha mocidade, e vim encontrar recordações d'esse tempo, em pleno accordo, com o que, annos depois, viu e escreveu o sr. Zacharias de Aça, em tres excellentes artigos publicados no *Diario da Manhã* de 1883, intitulados *A esgrima nacional*, e destinados a recompôr a vida do velho, que fôra em rapaz o mais temido dos jogadores de pau, e já então vivia unicamente das recordações da sua tempestuosa mocidade.

Quando o sr. Zacharias de Aça o conheceu, o leão estava moribundo, mas ainda assim nenhum onagro se aventurava, como no do apologo, a dar-lhe o coice covarde dos que rejubilam em affrontar os decadentes, que já não podem desferrar-se das injurias que recebem.

As minhas informações coincidem com as do sr. Zacharias de Aça, e dão o José Mária Saloio como nascido entre os annos de 1803 a 1805, o que significa dizer que orçava pelos setenta e oito ou oitenta annos, quando o seu biographo o foi desencantar n'um barracão da rua do Loureiro, onde ainda dava lições de pau, vindo depois das lições sentar-se á porta da rua, vestido com uma camisola de malha de lã, e tendo enterrado até ás orelhas um barrete, tambem de lã, azul ferrete.

Em que scismaria aquelle colosso caído do pedestal? Que saudades o não assaltariam dos tempos felizes em que, na companhia de Thomaz Jorge, um

valentão como elle, de José Maria Christiano, o bravo soldado das luctas liberaes, e mais tarde da Maria da Fonte; e do excentrico e talentoso maestro Casimiro (de quem já dei noticia n'este livro), do tempo em que viviam a vida folgada de rapazes, reunindo-se depois de fecharem os theatros de S. Carlos e de D. Maria, a que todos elles estavam presos por escripturas diversas, fazendo da noite dia, como vulgarmente se diz, correndo os quatro amigos as aventuras as mais originaes, até amanhecer?

Apesar de pouco mais moços serem do que elle era, José Maria Saloio chamava aos seus quatro amigos, *os seus rapazes*, com um tom de despretençiosa bonhomia, que era como um aviso dado a tempo aos que em qualquer casual sarrafusca ousassem affrontal-os, apesar de todos elles serem homens para por si próprios se desforçarem.

Para não fazermos sem necessidade uma segunda edição do retrato de José Maria Saloio, ahi vae como o sr. Zacharias de Aça descreve o celebre jogador de pau, e nós reconhecemos como copia fiel do original, apesar dos estragos do tempo e da idade.

«Devia ter sido um bonito homem na sua mocidade, aquelle velho ainda verde, de rosto corado e alegre, que, envolto nas largas pregas de um gabão, e um barrete de lã na cabeça, e rodeado pelos discipulos, que elle dominava com a sua alta

estatura, seguia attentamente os movimentos dos jogadores, advertindo-os com a voz grave e pausada.

«A cabeça do mestre pela expressão magestosa e leonina fazia-me lembrar a do celebre esculptor francez Rude, com a sua longa e espessa barba branca, caíndo-lhe sobre o largo peito, tal como vem retratado nos *Artistes vivants*, de Théophile Silvestre; mas o rosto de José Maria alliava ao vigor a belleza e a correcção das linhas.

«A testa alta e arqueada contornava-se em curvas largas e suaves, e as sobrelhas fartas e espessas realçavam-lhe os olhos grandes, serenos e expressivos. O nariz directo e bem desenhado: — a bôca sinuosa, com os labios carnudos e vermelhos entrecortados atravez do bigode, que se ligava a uma barba longa e fornida, bifurcada como a do *Moysés* de Miguel Angelo.»

O que o retratista não soube, e por isso eu lh'ou vou dizer, é que o José Maria Saloio não era propriamente a personificação da sobriedade, havia noites que o equilibrio lhe faltava, e em que se sentia não vulneravel pelo calcanhar, como Achilles, mas pelas barbas, a que algum atrevido podia lançar a mão.

Era n'essas taes noites que elle, como homem previdente, e sempre com o pé no estribo para a lucta, escondia cuidadosamente as barbas por dentro do collarinho, como outros arregassam as man-

gas da camisa, como preparatorio indispensavel para o pugilato.

Quem via entrar o José Maria nos palcos de S. Carlos, ou de D. Maria, trazendo em eclipse as suas bellas e copiosas barbas, já ficava sabendo que o homem não vinha bom, e que não era prudente mettel-o á bulha, e nem sequer recordar-lhe que havia regulamentos theatraes, multas e varias outras disposições disciplinares.

O biographo do *Salvio* allude de passagem a este facto, dando ao seu biographado uma resignação que elle nunca teve, e distribuindo ao conde de Farrobo, então empresario do theatro de S. Carlos, um papel que elle por muitas vezes se mostrou capaz de desempenhar — o de generoso — mas que n'aquella occasião não desempenhou.

A empreza mandou rapar as barbas aos artistas, mas o *Salvio* não quiz obedecer á intimação, indo pontualmente todas as quinzenas receber o seu salario ao escriptorio, mas com as barbas fluctuando ao sopro da... indignação, sem que ninguem ou-sasse recordar-lhe, o que aliás elle bem se lembrava, de que recebêra ordem para as escanhoar.

Nos ultimos annos em que o José Maria *Salvio* exerceu o cargo de *cabo de coristas*, deu-lhe na mania para se não querer escripturar, apresentando-se no theatro com a maxima pontualidade, apenas lhe constava que estavam annunciados os ensaios para as primeiras recitas das novas epochas; e reto-

mando pacifica e conscienciosamente o seu logar no palco, soltando umas notas que amedrontavam os *dilletanti* que descuidosos contemplavam com o binoculo a plastica appetitosa das *primas-donas*.

Falta-me a competencia necessaria para avaliar o *Saloio* como jogador de pau, e mais ainda para discriminar escolas da especialidade, mas diz-se, e eu creio, que o homem tinha uma escola sua propria, apesar de que, mesmo não a tendo, o julgar capaz de tudo quanto fosse amolgar as costellas do proximo, o caso era elle estar com os seus azeites, ou al-guem querer por suas proprias mãos metter-se em trabalhos.

Apesar de geralmente pacato e ordeiro, como quasi todos os homens que confiam nas suas descom-munae forças phisicas, o José Maria Saloio não era santo, e quem lh'as fazia pagava-lh'as, mas sempre com um certo mimo para não desmanchar de vez os adversarios.

Contam-se d'elle varias anedotas, algumas das quaes o seu biographo narra, e por isso as não reproduzo aqui, omittindo outras que demonstram um certo abuso da força, ou com mais verdade da intimidacão que ella causava nos animos dos que consciente ou inconscientemente o provocavam.

A uma scena assisti eu no *foyer* de D. Maria que me causou uma dolorosa impressão. Estavam reunidos em grupo alguns rapazes, já conhecidos no mundo litterario, e entre elles um que aos de-

mais se avantajava pelo seu immenso talento, e que na occasião redigia um jornal politico adverso a Rodrigo da Fonseca de Magalhães, de quem o *Salvio* era, não sabemos a rasão, um entusiasta admirador. N'aquelle dia, ao que parece, o jornalista tinha-se desmandado, investivando o estadista em phrase caustica, e pouco urbana, talvez.

Conversava o grupo alegremente, não me recordo se discutindo politica, se a belleza relativa das discipulas de Saint-Léon, que abrilhantavam a *Prophécia* do D. José de Almada, quando entra inesperadamente o José Maria Salvio, com cara de caso, apertando lhanamente a mão a todos os presentes, e estendendo um unico dedo—um enorme dedo— ao articulista que aggredira Rodrigo da Fonseca, dizendo-lhe em voz cava: *para você é quanto basta, seu pulha!*

O effeito produzido em nós todos por esta phrase do Sansão, em attitude de derrubar as columnas do templo, não se descreve. Pouco depois ouviamos nós as explicações que o homem dava, dizendo que a gratidão por um antigo favor recebido de Rodrigo, fôra que o levára a insultar um homem d'aquelle talento, e physicamente incapaz de se desforçar, do que francamente se arrependia.

Ahi vae outra anecdota authentica, mas que escapou na narrativa que o sr. Zacharias de Aça fez da vida e feitos de José Maria Salvio, e que, por ser original, a reproduzimos.

Um certo mestre dos córos, de nacionalidade italiana, e avesado a lidar com gente de indole branda, lembrou-se um dia, e em má hora, de admoestar o cabo dos coristas em termos copiosos, a que a suavidade da lingua natal não lograra attenuar o insulto, que as suas palavras assucaradas envolviam.

Mezes depois estava o *Salio* tomando o seu café, no Tavares, ladeado por uma botija de genebra e outra de cognac, quando o acaso levou o infeliz maestro a entrar no mesmo botequim em que o seu subordinado saboreava, dando estalidos com a lingua, os ultimos copinhos das duas bebidas suas predilectas.

Tanto foi ver entrar o maestro, e sentar-se, como o *Salio* bater com a colhér no pires, chamando o creado do café, e dizendo-lhe: *leve da minha parte um capilé, áquelle senhor.*

Sete vezes recebeu e executou o creado a mesma ordem, e sete vezes o pobre maestro emborcou a dulcissima bebida, para elle transformada na mais amarga triaga. Ao setimo copo o maestro olhava supplicante para o José Maria Salio, como quem dizia perdõe-me você o oitavo, que eu prometto fingir que não ouço as notas falsas que você der de futuro.

O *Salio* comprehendeu a angustia do espavorido maestro, levantou-se, acercou-se d'elle, e disse-lhe ao ouvido: *para a outra vez cuidado com a lingua,*

senão duplico-lhe a dóse, e com um aperto de mão sancionou o protocollo da paz futura, que os dois mentalmente estavam dispostos a cumprir.

Do que levo dito se depreheende que o José Maria Saloio não personificava a mansidão evangelica, nem mesmo era sectario da ultima das tres virtudes theologaes. Innumeradas aneddotas comprovam alem das que deixo citadas, sendo o alcance de algumas d'ellas attenuado pela provocação das victimas.

De fóra de Lisboa (de Setubal, se bem me recordo) viera a Lisboa um pimpão, para conhecer e comprimentar o *Saloio*. Quando logrou encontrar-o apertou-lhe a mão, e quebrou-lhe um dedo! O desfeitoado calou a dôr e a affronta, e passado tempo foi á terra do seu *amigo*, e abraçando-o com a effusão de quem retribue um favor — quebrou-lhe uma costella!

Pelo que respeita ao jogo de pau, a que o meu amigo Zacharias de Aça chama a *esgrima nacional*, confesso dever-me pouca sympathia um exercicio, perigoso como medida higienica, e que só póde effectuar-se com effeito decisivo para varrer uma feira, sendo inutil a sua applicação, mesmo por analogia, ao uso vulgar de uma bengala que qualquer pessoa póde trazer sem melindrar o proximo.

Esquecia-me dizer, e o sr. Zacharias de Aça tambem omitta esta circumstancia, que junto á sala do jogo de pau que o José Maria Saloio dirigia, funcio-

nava, não sei se como appenso á nacionalidade de ensino, um jogo de chinquillo, montado a preceito, que atroava os ouvidos da vizinhança com o som metallico das chapas derrubando os paulitos, ou indo de escantilhão esbarrar com a barreira que servia de divisoria ao quintalão, em que o mestre plantava as suas couves gallegas.

Todos n'este mundo morrem, até os *immortaes*. Muito tempo antes de fallecer já o José Maria Saloio parecia a sombra de si mesmo. Velho, alquebrado, pobre, quem fosse procurar o antigo homem de ferro, encontrava uma mumia, dando apenas uma remota idéa do colosso que a mão do tempo reduzira áquelle miseravel estado.

